

PANDEMIM

Org.: Nima Spigolon



TUDO E TODAS EM NÓS

© 2020 Editora Pangeia
© 2020 por Nima Spigolon (Org.)

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de
19.02.1998. Autorizada a reprodução nos termos da Lei;
demais usos, consulte por escrito à Editora.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa, exceto nas escolhas autorais.

Revisão: Bruna Campos
revisao.brunacampos@gmail.com

Apoio:
Biblioteca Professor Joel Martins
Faculdade de Educação da UNICAMP

1ª edição: set./2020 - 70 exemplares
e-book disponível em:
www.editorapangeia.com.br/shop

Editor: Rízio Macedo

Edições Dionysius
Um selo da Editora Pangeia

r3.editora.pangeia@gmail.com
Rua da Carioca, 1357
Uberlândia, MG

[...]
Guarda distâncias.
Constrói-te.
Cuida-te.
Entesoura teu poder.
Defende-o.
Faça-o por ti.
Te peço
em nome de todas nós.

Gioconda Belli

Bordado da capa
Simone Pinto da Silva

Capa
Bruno Lemos

Prefácios
Alciene Ribeiro; Anna Christina Bentes; e
Simone Lucas G. de Oliveira

Autoras
Alexandrina Monteiro, Beth Rossin, Bruna Campos, Camila Lima
Coimbra, Cris Stolf, Débora Mazza, Elaine Regina Cassan, Isabela
Varani Souto, Luci Chrispim Pinho Micaela, Luciane Muniz Ribeiro
Barbosa, Lizeth Acquist, Luciete Valente, Marli Ancassuerd, Nilza A.
Souza, Nima Spigolon, Renata Sieiro Fernandes, Simone Pinto da
Silva, Sofia Valente Rosa, Virgínia de Sá e Palis, e Teca Minuzzo

Epígrafe
Gioconda Belli, "Conselhos para uma mulher forte", in:
El ojo de la mujer. Madri: Visor Libros, 1995.

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Spigolon, Nima

Pandemim: Tudo e todas em nós / Nima Spigolon. --
1. ed. -- Uberlândia : Editora Pangeia, 2020.

ISBN 978-65-88000-05-2

1. Ficção brasileira I. Macedo, Rizio. II. Título.

20-44251

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Edições Dionysius é um selo da Editora Pangeia
www.editorapangeia.com.br

CONVITE:

Nima I. Spigolon <nima@unicamp.br>

sex., 15 de mai. 14:13



para Renata, Iucciê, Lucia, sofiavalentinos, Beth, virpilis, Bruna, Adriana, Adriana, Luci, Simone, Camilima8, ▾

Prefixo pan: todo, toda, tudo.

Pandemia: "Até 13 de Maio, o BRASIL tinha oficialmente 12.500 mortes e 179.000 casos confirmados da Covid-19. Meus sentimentos pelo encantamento dessas pessoas, a minha solidariedade às famílias e a minha indignação quanto ao tratamento desumano e degradante que Bolsonaro e seus cúmplices genocidas assumem para com o povo, ameaçando a luta contra o Covid-19 e não lutando a favor da vida no Brasil e na América Latina".

Diariamente, com pausas aos finais de semana, por meio de WhatsApp circula numa rede de contatos afetivos, um conjunto de poesias e músicas, num composê delicado e crítico, feito para desanuviar o peito e despejar no ar respiros e fôlegos de amor, esperança e criação.

Em tempos sombrios e angustiantes de Coronavírus, muitas mulheres, poetisas, de diferentes gerações, de distantes lugares, em tempos próprios, enviam de volta, imagens, reflexões, sons e escritas que, pela mesma mídia social, chegam como ondas de reverberação disparadas por atravessamentos de sentidos, significados e sentimentos como registros de experiência de vida e ânimo, de pedra e flor.

Essa gente reunida, deu origem à ideia de "**Pandemim: tudo e todas em nós**", com desejo de que se realize ainda em tempos de quarentena e isolamento social, de mãos dadas com Conceição Evaristo, que costuma dizer: "assim como escrever, publicar é um ato político... escrever e publicar são atos de rebeldia que nos colocam em outro lugar, contrariando o imaginário que a sociedade brasileira tem sobre nós".

Dito isto, este texto trata de um convite para que se some a nós, enviando até 03 Escritos (poemas, microcontos, haicais, contos e afins) e/ou 03 ilustrações (desenhos, bordados, colagens, fotografias e afins) de sua própria autoria para o composê de um e-book, a frutificar como produção coletiva, com acesso público e gratuito, na interface da Biblioteca Prof. Joel Martins, da FE/UNICAMP.

Seu "pacotinho" de coisas boas e criativas precisa chegar até 29 de maio de 2020, nos e-mails de Nima Spigolon: nima@unicamp.br e de Bruna Campos: b.pianista@hotmail.com

Ele é, ansiosa e alegremente, esperado com cafezim, pão com manteiga e pedaço de bolo; e será repartido com todas e todos que sentarem à mesa.

Com afeto e festa, agraciada e agradecida,
nima



Teca Minuzzo

SIMONE LUCAS GONÇALVES DE OLIVEIRA
Apresentação I

Profundo
Amor.
Nobres
Doces
Especiais
Mulheres.
Ilustres
Mulheres.

O PANDEMIM, uma antologia literária feminina, é um livro que expressa leveza, doçura, crítica e força da mulher na peleja durante a adversidade.

A Covid-19 chegou no Brasil, encontrando um governo federal negligente e assolando uma população já tão sofrida. Milhões de casos confirmados e milhares de vidas perdidas. Desemprego e fome. Choramos, impotentes! Como atravessar este momento tão sombrio e angustiante? Como não perder a esperança? Como aliviar o sofrimento de nossa gente? Ações solidárias e de apoio mostraram qualidades especiais do ser humano: a empatia e o amor ao próximo.

No auge de uma pandemia, uma crise humanitária de proporção planetária, surgiu o PANDEMIM, uma criação que reúne mulheres sensíveis, de tempos e lugares diferentes, unidas pelos sentimentos de esperança, vida e amor.

A iniciativa desta criação partiu da querida Nima Spigolon, no momento que o País atravessava a dureza da pandemia, iniciou um movimento sensível. Circulava nos seus contatos afetivos, por meio do WhatsApp, poesias e

músicas de poetisas e poetas cujas palavras dialogam com as angústias do momento, fazendo, ela própria, uma composição crítica e delicada.

Na Biblioteca Prof. Joel Martins da Faculdade de Educação da Unicamp, os trabalhos são exercidos na condição de apoio excelente às atividades essenciais da Faculdade: ensino, pesquisa e extensão. Assim, as coleções e os serviços de informação são enaltecidos e o acesso a eles por nossa comunidade é facilitado, ao mesmo tempo que os espaços são colocados como ambientes de vivência e convivência, lugares onde a humanização no acolhimento se sobrepõe às formalidades institucionais.

Ao mesmo tempo que me sentia envolvida por grande emoção e gratidão, fazendo parte dos contatos afetivos de Nima, via a oportunidade de dar asas a tão especial iniciativa, proporcionando o alcance por inúmeros pares. Então, passamos a publicar e a divulgar as composições na plataforma digital da nossa Biblioteca.

A minha participação, ancorada na nossa Biblioteca, é apenas um pontinho que se alinhava a tantas outras criações, num momento tão conturbado da nossa história.

As mulheres parceiras e autoras deste livro – estudantes, pesquisadoras, intelectuais, artistas, poetisas, chefs, donas de casa, escritoras, fotógrafas, etc. - merecem cumprimentos especiais, pela sensibilidade e criatividade na composição de uma verdadeira obra de arte literária.

Convido leitoras e leitores a explorarem esta criativa antologia literária, fruto da articulação coletiva feminina no enfrentamento das adversidades da pandemia, para uma reflexão sensível e crítica.

Simone Oliveira é Diretora da Biblioteca
Prof. Joel Martins da Faculdade de
Educação da UNICAMP

Nima Spigolon

Apresenta

*Composês: Literatura, Imagem
e Música*

- confira nos links abaixo -

Um exemplo:

Conceição Evaristo. Frutífera, no livro "Poemas da Recordação e outros movimentos". Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

Música "Despreconceituosamente", de Mateus Aleluia, álbum Cinco Sentidos, 2010.

<https://www.youtube.com/watch?v=4ZzTFXyMMUk>

<http://mateusaleluia.com.br/>

<http://www.letras.ufmg.br/literaforo/autoras/188-conceicao-evaristo>

ALCIENE RIBEIRO
Penélope Século XXI
Apresentação II

Há que se perguntar o que faz em PANDEMIM uma evadida dos arraiais da ficção mineira. E a ela – peixe fora d'água – também intriga.

Ora, assinam Apresentações da obra, respectivamente, Simone Lucas Gonçalves de Oliveira, Diretora da Biblioteca da FE/UNICAMP e Anna Christina Bentes, Professora do IEL/UNICAMP.

Dispensável uma forasteira opinar sobre vozes do universo feminino, na complexidade do dizer, uno e múltiplo num só sentir.

O *pouco à vontade* da ficcionista persevera ao constatar a característica eminentemente original, na concepção do volume, a partir das páginas iniciais. Isso emerge desde o convite que a organizadora, Professora Nima Spigolon, endereçou às participantes. Convite que deveria integrar o todo, à guisa de introdução.

Por quê? Por conter, na acolhida peculiar às raízes mineiras da professora, o prelúdio do miolo. Porque cheira a tempero caseiro. E a *diferença* diz, *presente*, quando os primeiros vagidos do e-book “prefaciam” apresentações.

Aperitivo com gosto de “quero mais”, a capa de Simone Pinto da Silva. E o saboroso texto da anfitriã Nima, de entrada.

Teca Minuzzo, Lizeth Acquist e Renata Sieiro Fernandes fazem as honras da casa.

Nessa espécie de prefácio a prefácios, as boas vindas de Cris Stolf, Camila Lima Coimbra e Marli Ancassuerd.

O desconforto atinge grau máximo com os “posfácios” de Elaine Regina Cassan e Alexandrina

Monteiro. E multiplica maximidade, ao deparar com o Posfácio propriamente dito, *Constelações familiares*, de Débora Mazza.

Daí o dilema. Nada falta ao diversificado painel de poetisas e prosadoras, artistas plásticas, artesãs... em regime de ativismo doméstico.

Vide Isabela Varani Souto, Sofia Valente Rosa, Luciane Muniz.

Mulheres de várias idades, com suas dores e alegrias, amores e desamores, ilusões e decepções. “Pessoas” que lutam, erram e acertam, caem e se levantam, a face erguida e narizes empinados, sim senhoras!

A mulher coerente com sua essência aqui se revela, desvela... raças, credos, visões, saberes e não saberes-sábios, invulgares.

Mulher-fotografia, mulher-escultura, mulher-colagem, mulher-música, ela tece, pinta, borda, desborda, reborda, transborda. Íntegra. Só ou acompanhada, filha, avó, tia, irmã.

Anote aí, leitor, Virgínia de Sá e Palis, Luciete Valente.

O medo bate à porta, sugere insegurança, e essa mulher se escuda na valentia em latência. Está apta a gestos extremos de renúncia, de dividir e multiplicar a pluralidade de suas vertentes. Apesar dos pesares mantém a delicadeza, a fé em si mesma – ou no divino – o coração à flor da pele, a um átimo de se doar.

Que o digam Nilza Souza, Luci Chrispim e Bruna Campos.

Mulher Maiúscula na conquista da plenitude de ser e acontecer com as escolhas individuais do feminino, independente do gênero em que se manifeste... o que só lhe diz respeito!

Mulher. Ponto.

M, de maioria do ser
U, de única na diversidade
L, de livre de cadeias patriarcais
H, de heroína na conquista do lugar de direito
E, de explícita no se revelar
R, de rica em potencial criador

PANDEMIM contempla várias gerações e traça complexo e contraditório panorama feminino de autenticidade. Coletânea de expressões artísticas, uma *colcha de penélopes* a embromar o perigo que ronda. Colcha tecida com letras, pontos, fotografias, notas musicais e colagens ao arrepio de uma pandemia além das janelas.

O livro traduz a catarse do distanciamento social. Esculpe níveis e desníveis da psique em quarentena, cola paisagens de esperas, canta a lentidão do tempo, pinta o devir pós-covid.

A significativa estampa de Beth Rossin e Fernanda Veiga, próxima ao fecho, ilustra bem o momento de reclusão que nos habita.

É o que resta dizer. Um nó na garganta engasga respeito e encantamento no peito da escritora com quase meio século de estrada.

Alciene Ribeiro
Autora, entre outros, de *Mulher explícita* (contos, Editora Pangeia), *minimus & brevissimos* (microcontos, em parceria com Rauer, Editora Pangeia), *Libertação no lar* (Ed. Esperança e Caridade) e *Ouvi um chamado* (Edições Novos Rumos; os dois últimos, romances espíritos autorais). Prepara *Mulher plural*, uma seleta de contos, a sair em 2021 pela Editora Pangeia.

LIZETH
ACQUIST



Pandemim. Maravilhoso neologismo criado por Nima Spigolon durante o período de isolamento social em Campinas, São Paulo, para designar a obra que está sendo apresentada ao público.

Digo maravilhoso porque resume os estados e processos de maravilhamento interacional – alegria, admiração, encantamento –, provocados nas pessoas pelos composês de Nima, levados a cabo em um contexto pandêmico.

O maravilhamento ia sendo produzido pela visualização e escuta, a cada início de manhã, de um composê – estruturado fundamentalmente por uma imagem, um trecho de música e a voz aveludada de Nima, lendo calma e mineiramente um poema. Participei desse círculo e me maravilhei, como as outras pessoas, mulheres de diferentes idades e que compartilham subjetividades encantadoras, trajetos geográficos sensíveis, belas memórias afetivas.

Os trechos das músicas enfeixando a leitura dos poemas provocavam, enquanto eu os escutava, um intenso conjunto de sensações, emoções e reflexões. Um desses composês trazia o poema “Humanidade”, de Maya Angelou, acompanhado de trecho da música “Kashmir”, de autoria do vocalista Robert Plant, da banda Led Zeppelin. Na voz de Nima, um dos versos da poetisa calou profundamente em mim: Nós somos mais semelhantes, meus amigos, do que diferentes.

Pensando na força desse verso, vi semelhanças, mesmo considerando as diferenças de linguagem e de perspectiva, nas inúmeras e continuadas respostas dos diferentes “eus” geradas pelos composês de Nima e consolidadas em Pandemim.

Pandemim é uma obra que responde aos composês de Nima e deixa entrever as maravilhas geradas por cada uma das mulheres-autoras desse universo que emergiu em contexto de continuidades e finitudes, incertezas e ansiedades, compaixões e solidariedades, mortandades dolorosamente conhecidas, em contexto, enfim, da pandemia de covid-19. O verso de Nima Spigolon logo abaixo de sua foto-testemunho no Pandemim indicia esse contexto: “Meu choro solo/soro de esperança.”

Colagens ensolaradas e instigantes, perspectivas-em-foto e pequenas instalações-documento da intimidade do cotidiano pandêmico, aquarelas de força e de fé, possíveis mandalas reflexivas feitas dos mais diferentes materiais, e tantas outras formas de dizer imagetivamente os mundos próximos e distantes. Essas formas de réplica também são muitas vezes complementadas por textos verbais que não se furtam à denúncia dos estados de ânimo, que trazem mundos imaginários em prosa e verso, que fazem testemunhos de si e dos outros, outros composês.

Para fazer essa apresentação, lendo e relendo Pandemim, fui percebendo diálogos intertextuais entre diversas tematizações presentes tanto nos composês de Nima como nos textos produzidos por suas interlocutoras:

“Tempo e Espaço ganharam novam tonalidades e significados” (Elaine Regina Cassan);

“Tempo: movimento de evolução das coisas” (Clarice Lispector);

“Tempo de muitas adversidades. Nesse tempo, ainda em tempo, chega composê envolvido pela seda mais pura e se faz presente. É um presente. É uma presença. (Alexandrina Monteiro).

Um outro tipo intertextualidade que aconteceu foi a de estrutura enunciativa. Em muitos composês de Nima, o poeta/a poetisa fala diretamente a alguém, construindo um diálogo direto com seu/sua amado/a. E assim o fazem

também, em seus poemas, algumas das participantes do Pandemim:

“Sinto o gosto dos teus lábios roçados numa taça de vinho /encorpado...” (Luci Crispim);

“Embora dos teus lábios afastada /(Que importa? – tua boca está vazia...)” (Gilka Machado);

Há tantas outras intertextualidades. A beleza desse fenômeno mostra que os as seleções e o trabalho sobre os temas, os modos e projetos de dizer, os estilos, tudo foi provocado pelo projeto pandêmico de “tudo e todas em nós”.

Não há um papel menor aqui para as músicas que enfeixam os poemas. Elas também são gatilhos para a criação poética e a performance documentada.

Nima envolveu um círculo de pessoas nessa experimentação de maravilhamento que, tenho certeza, vai se expandir à maneira de uma pedra jogada em um lago, criando círculos cada vez maiores. Acredito que os gestos simbólicos de Nima fizeram emergir a força da qual fala Simone Pinto da Silva em seus versos: “Vamos juntos parir uma força /ela só virá em união /Mãos dadas para verter/ um mar inteiro em rebentação /Um dia ela vem / vence inércia e isolamento”.

Com nossos medos provisórios, tal como nos versos “Enquanto saudade está à espreita /o vírus está na esquina à direita” (Isabela Varani Souto), todas nós, profundamente semelhantes entre nós, seguimos com a certeza e com o maravilhamento, sabendo que o gesto maior de Nima é o mesmo do poeta: “O maior gesto de amor é permanecer”. (Zack Magiezi)

Anna Christina Bentes
Professora Livre-Docente do Departamento
de Linguística do Instituto de Estudos da
Linguagem (IEL), da UNICAMP.

Perdi a mãe cedo.
Quando conto isso, sinto sofrimento no olhar das
pessoas.
Perda sofrida, fato.
Aprendi a viver das imagens.
Imagens construídas ou inventadas, não importa.
As imagens acompanham, fato.
Tive outras tantas companhias humanas.
Humanas, afetivas, acolhedoras.
Esta humanidade, fato.

Convivi com um destes humanos.
Talvez com o que mais aprendi.
Pela dor e pelo amor, fato.
Hoje vivo eu com as imagens.
As minhas imagens são diferentes.
Elas estão impregnadas em mim.
A incorporação do outro em mim, fato.
Não diferencio mais o que é de mim e o que é do outro.
Aos fatos, cabe um dado, o amor em todos os cantos.
Mas me nutro,
Com estes encantos.
Viver do outro,
Viver com o outro.

RENATA SIEIRO FERNANDES



rosanina

rubra

NIMA SPIGOLON
Um (des)pensar feminino

Nuvens tatuadas nas palavras, céu impresso
Estrelas tocadas pelos dedos tornam-se expressões
Palavras, silêncios, escutas, gestos sem anestesia
Mulheres somos de rupturas, desejos e processos
Procelas, calmarias, vulcões, brisas, eclipses
Coragem desnuda da pele, por pelos e poros
Poetisas, bordadeiras, projetistas da arte
De tantos cantos, riscos, prosas e contos
De outros caminhos, mundos e descaminhos
Sensibilidades de um coração grande e humano

O (im)possível é realidade sem posse ou pesar
É tipografia do (des)pensar, é grafia do sentir rubro
Intenso, manso, bem-vindo e bem-dito do amor
Flutua sem asas, mergulha sem escafandros
Lento e apressadamente, alto, leve e profundo
É poder que profano e sagrado se entranha fundo
Há mulheres, atuais e milenares, em mim e em nós
Num inconformar-se e arriscar, desafia, faz e fia
Peito que sangra, amamenta, luta e goza
Corpo amante, apaixonado e enamorado
Encontros, escritos de todos os tipos, feito luz
Reflete medo, entrega, perpassa os vitrais
Segue feminino, fêmea, enternece, fortalece
Metamorfose das cicatrizes, da resistência

Ser são, julga-se, ser normal e ser quem?
Ajuíza-se fazer o quê, o feito ou o desfeito?
Não nada importa: óvulos, trompas, sêmen



BETH ROSSIN

Que humanidade habita o humano?



Pierre-Jacques Volaire - Pintor francês (1729-1799)

Num pequeno vilarejo, vivia muita gente e toda essa gente sofria com a miséria humana, especialmente Anacleto. Um homem triste, sem marcas de expressão no rosto, sem cabelos, sem musculatura no corpo, os olhos pretos enormes pareciam enxergar o que ninguém enxergava. Ele tinha muito medo, mas não sabia de quê e por que temia e nem de onde vinha esse sentimento, mas sentia frio na barriga quando pensava nas doenças, principalmente aquelas que acometiam muita gente ao mesmo tempo. Mesmo distante de tudo, começou a ouvir ruídos de uma peste que estava chegando no vilarejo e pela gravidade, as pessoas morriam.

Num casebre ao lado de Anacleto, vivia Maria Alice uma mulher alegre, bonita, cabelos longos com cachos que ela fazia questão de tratá-los todos os dias.

Tinha um sorriso lindo que cobria todo o rosto; era pura harmonia entre o belo corpo e sua inspiradora alegria diante da vida. Tinha sempre um poema na ponta da língua, quando alguém indagava algo sobre a existência humana. Maria Alice tecia as palavras como quem tece um tapete, uma colcha, entrelaça os fios com as ideias, o pensamento vira real, porque real é a vida tecida pelas mentes da Maria Alice.

No mesmo espaço desse vilarejo, viviam outras pessoas em menor número, mas que não viam e não enxergavam estas outras, onde estavam Anacleto e Maria Alice. Estavam no interior de uma forte muralha de cimento, com pedras, cercas que disparavam curtos circuitos para proteção e segurança dos que ali habitavam. O rio foi canalizado para o interior da muralha para torná-lo cachoeira, pássaros foram aprisionados em gaiolas e eram ostentados como beleza natural, as árvores, plantas silvestres tornaram-se propriedade, tudo o que era público e da natureza, transmutou-se, perdeu a vida para o privado, individual!

Numa noite de inverno, indistintamente, todos ouviram um vento que gritava, esbravejava, grunhia e levantava as telhas dos casebres e das mansões. O rio, que fora canalizado como cachoeira, transbordou; os pássaros viram as portas das gaiolas se abrirem, se jogaram no rio e foram engolidos pela correnteza. Minutos depois, as nuvens despejaram torrencialmente muita água e nela continha pedrinhas. Tinha algo a decifrar no vilarejo, não era uma noite calma.

Numa mesma tempestade, gentes diferentes: as dos casebres e as das mansões. As vozes pediam socorro e imploravam aos céus que as nuvens parassem de enviar tão bravamente tanta água. Mas, os céus não tinham ouvidos, apenas enxergavam tamanha desordem daquele microscópico vilarejo.

E assim, seguiram-se noites e dias de escuridão maior que a claridade, nada continha a força das nuvens e suas águas, mas que força? Da natureza? Tinha algo de humano aí? Homem e natureza desde os primórdios da humanidade são indissociáveis e um transforma o outro, assim conhecemos a atividade humana sobre a natureza.

Em outros amanheceres, aquele dia tão desejado chegou e veio a luz, dando lugar a escuridão, sem tempestade! E os corpos de Maria Alice e Anacleto estavam ali inertes, sucumbiram. Já, no interior das muralhas todos comemoravam com vida, o fim da escuridão e da tempestade. E os dias seguiram naquele pequeno vilarejo, demarcando a miséria humana na inequívoca luta de classes.

CAMILA LIMA COIMBRA
Os outros que habitam em mim



MARLI ANCASSUERD



VIRGÍNIA DE SÁ E PALIS
Alforria

O que fazer com uma dor profunda que dilacera,
corta fundo, marca, fere, destrói?
O que fazer com um grito calado,
atravessado, sufocado, perdido?
E o pranto que desce lavando, carregando, arrastando? ...
Não é pranto de uma lágrima só.
É choro doído, num corpo marcado,
agredido, ferido.
Mistura de fel e sangue...
Amálgama de dor tornou-se o corpo meu.
É momento de morte.
Despeço-me da sorte, deito costas à alegria.
Leva-me contigo tristeza minha, a ti pertença agora.
Liberta-me!
Quem sabe alforriada ganho nova morada
num corpo que já fui eu?

CRIS STOLF
Pão, alecrim e alegria





SOFIA VALENTE ROSA

[não seis]

não sei o que vou fazer
você não sabe o que você quer,
quem você é
e sinceramente, nem eu sei mais
na verdade agora eu só sei
[além de que eu não sei mais de nada]
que você mexe comigo demais
que toda vez que você me olha com esses olhos castanhos
[que guardam coisas que nem você mesmo deve saber o
que são]
eu saio desse mundo
eu vou pra um planeta completamente aleatório e fico lá
sem entender nada
no meio de tantos "não seis"
eu não sei o que me confunde mais
se são seus olhos de planeta,
sua confusão interna
ou até mesmo a minha]
ou a droga do seu cheiro
nicotina, morfina, cocaína, heroína...
não sei o que é
mais um não sei pra conta]
só sei que é um alucinógeno fortíssimo que me faz
imaginar a gente junto
e o pior de tudo, vicia ...

ELAINE CASSAN
Reminiscências



Olhar para o céu evoca aquilo que dorme na nossa consciência material e vive no cintilar da alma: os estados transitórios de vida.

Olhar para o céu traz as reminiscências de infâncias vividas sob o enigmático, indecifrável e misterioso estado de comunhão com tudo e com todos. Deixar-se desenhar nas nuvens, nos vácuos e nas ondulações do ar.

Olhar para o céu é um convite para nos permitirmos ser dissolvidos na grandiosidade do ilimitado, e ver-se diante de uma expansão maior de si mesmo.

Olhar para o céu é entrar em contato com o silêncio de dentro para fora.

Ser atravessado pelo magnetismo das ondas de luz manifestas no céu é enveredar-se no caminho que pressente a Verdade.

Reminiscências apresentou-se a mim, de uma forma quase que pronta. A composição é uma sequência de registros fotográficos do céu, durante uma das muitas caminhadas vespertinas no local onde habito. Foi como se as nuvens, em símbolos pictóricos, no céu de intenso azul dos dias de outono, chamassem minha atenção para o alto e para o horizonte. Algo que falava ao coração, mais do que as próprias palavras conseguem descrever ou definir.

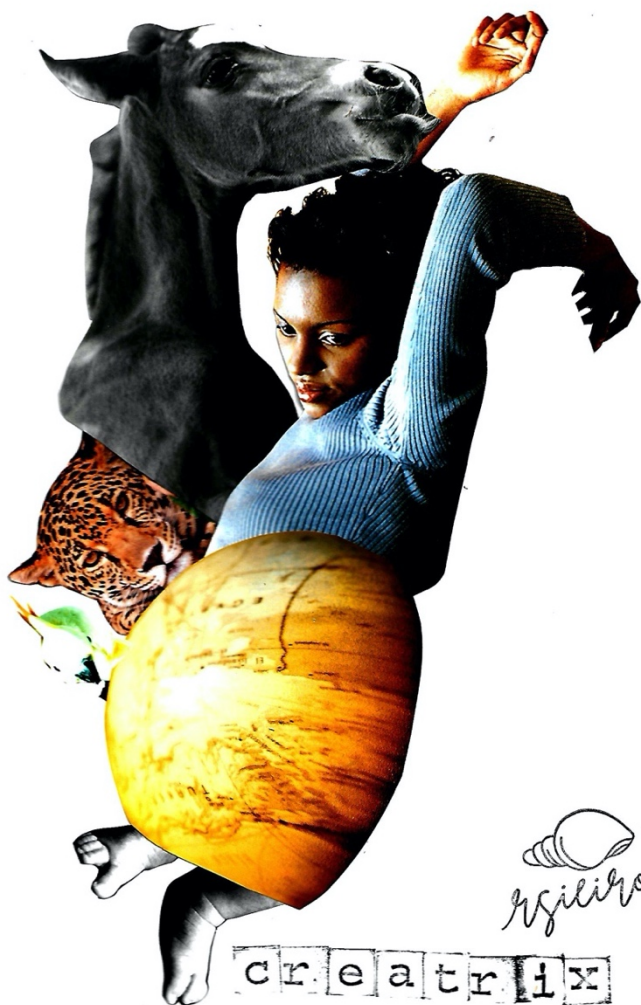
A imagem central é de uma escultura natural, encontrada também durante as minhas caminhadas. Um achado. Um Presente. Algo que foi...Algo que é.

Caminhar foi uma prática retomada no período de um tempo-de-espera, de um retorno a uma suposta normalidade da vida que a memória dos corpos clamava pela sua permanência. Caminhar foi colocar o corpo em movimento e sentir-me ComVida!

A escultura natural remete ao um ser em estado orante, de agradecimento ou de interiorização. Na tradição hindu, “Namaskar” ou “Namastê” é a expressão de um estado meditativo, que pede um alinhamento do corpo, com a coluna ereta, com as mãos e os dedos unidos apontando para cima e posicionadas na altura do centro cardíaco, que saúda, cumprimenta e reverencia a essência do outro.

Reminiscências invoca o profundo agradecimento pela Vida Una e convoca o Sustento Transcendente para os dias em que o efêmero, o passageiro e o fugaz revelam-se imperiosamente à nossa mente e ao medo entranhado nos corpos, tal como a ferrugem na âncora de um barco. Reminiscências quer re-cor-dar (trazer ao coração) a máxima de Buddha “Tu morres e tu nasces a cada momento”.

RENATA SIEIRO FERNANDES

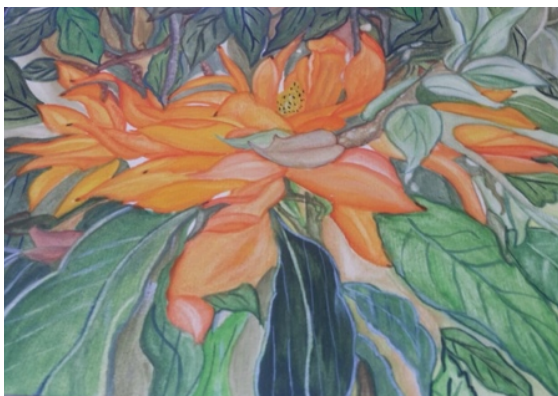


LUCIETE VALENTE
Estações da Vida

Chega um tempo
em que mais fugazes
são as primaveras.
Chega um tempo,
que os invernos
da alma são longos..
Chega um tempo
em que os amigos
são outonais...
e às vezes seus frutos
não mais nos alimentam...
Chega um tempo...
em que as andorinhas
não fazem mais verão...
E nesse tempo...
o que nos conforta
é a lembrança do que fomos...



Ouçam!
São crianças brincando na praça da Igreja.
Brincam, fazendo casinhas com os galhos
e folhas de magnólias.
Como ficam belas!
Assim brincava minha mãe...



Enquanto saudade está à espreita,
o vírus está na esquina a direita;
com isso estamos com saudade,
de brincar conversar,
e até de brigar.
E com toda essa saudade nunca vamos
esquecer das amizades,
pois são elas que nos fazem mais felizes,
mais alegres
e não deixam que ninguém nos apresse.

CRIS STOLF
Silêncio



S

A

C

A

D

A S, pandemia e barbáries



Eita, criançada!

Privilegiada

Cuidada

Isolada

Cercada

Angustiado

Inconformada

Eita, criançada!

Encarcerada

Abandonada

Injustiçada

Baleada

Roubada

ASSASSINADA

JUSTIÇA POR MIGUEL!

INFÂNCIA LIVRE E SEGURA

para Matheus e Heitor,

Liz, Letícia, Bernardo, Marjorie,

Lucas e Gustavo, Lara, Filippo,

Gabriela, Pedro e Davi, Leandros,

Alik, Isabela e Enzo,

todas e todas as crianças!



Fios de Vida traz o entrelaçamento de memórias, vínculos e expressões que nutrem e aquecem o coração e a alma.

A arte de tecer aprendi desde muito menina, pela presença de mulheres na minha vida, que tinham nas mãos, a produção, o cuidado, o sustento familiar e o prazer por gestar algo novo e belo.

Tecer a vida em fios coloridos, sempre retoma em mim, o calor, o aconchego, o vincular-se. Tecer ajuda-nos a compor

a síntese dos fragmentos de uma vida. Tecer é um ver-se face a face, no avesso e no direito. Tecer é deixar-se abraçar pelo envoltório protetor do útero materno da grande Mãe. Da mesma forma o é, deixar-se quebrar pelo amor e pela devoção que o reino animal tem pelos seres humanos.

O magnetismo dos animais atua em nossos corpos tal qual um processo alquímico, que transmuta o metal mais comum e desprezível em ouro reluzente, que perfura a rocha mais dura para transformá-la em outra coisa.

A alegria, a companhia, o respeito e o amor que esses bichinhos trazem para a nossa vida são inigualáveis.

Amora, chegou num momento de profunda mudança da minha vida. Minha casa carecia de alegria e de vivacidade. Amora tirou as amarras do meu coração sedento por doar-se, e corrompido pelo medo e pela ignorância. Tempo de restauro.

Com ela fui aprendendo o valor e a importância da responsabilidade que o ser humano tem para com os reinos da natureza, em ser um canal transmissor de uma energia espiritual no processo evolutivo deles.

Amora embalou as minhas manhãs de isolamento social, ajudando-me a apreciar um tempo outro, um tempo da singeleza, um tempo do cuidado, um tempo de contentamento; um tempo de animação; um tempo de silenciamento. Fios de vida.

Em tempos de tantas exigências que vivemos que fios precisam continuar tecendo os instantes de nossa Vida?

LUCIETE VALENTE

e quando cansada
na cama me jogo
entre lençóis cheirando a lavanda,
me pego a sonhar
que tudo no mundo passa
só não passa a esperança.
... Essa dorme na minha fronha
e me dá bom dia... todo dia...

De sobressalto fez-se mulher

E logo ganhou títulos “zelosa e dedicada”
Mulher-mãe, professora
Mulher-esposa, pouco amada
Fazer valer seu nome-flor “Amor-perfeito”,
colado a si feito segunda pele,
Rendeu, ao corpo, açoites
Cicatrizes aumentavam, / mas títulos tinha de se
orgulhar
Seus fazeres, fiava em vaidades:
morfina de se enganar
Deu de costurar a vida com tecidos improvisados
Lembrança não há / onde se perdera nesses retalhos...
Açoitava o corpo e dava conta
Sempre a se doar, a dos outros cuidar
Com migalhas de se contentar

Lembrança não há do tempo em que,
tecendo distraída, daquela emboscada se livrou!
Agora, com tanta sede de si,
flagra-se desnorteada
ao construir-se mulher / entre tramas embaralhadas
Com delicadeza, deu de escutar seus silêncios
Suas histórias, não apagou
As cicatrizes, em tatuagens transformou
Borda tardes ensolaradas em suas ruínas
Enfeita-as de Beijos, Girassóis e Sempre-vivas
Acolhe as ervas daninhas e, delas, faz parceria
Não quer mais Amor-perfeito
Título nenhum lhe caberia!
Lembrança guardou da primeira vez que o tempo
pôs a pausar
e nele pintou o horizonte,
feito aquarela, em rodopios a bailar...

SIMONE PINTO DA SILVA
Mandala de mãos



De mãos dadas
Vamos parir uma força,
sorvendo o centro da terra
para fazer valer nossos sonhos,
rompermos os medos
e fazer brotar flores
no asfalto

Vamos juntos parir uma força,
ela só virá em união
Mãos dadas para verter um
mar inteiro em rebentação
Um dia ela vem,
vence inércia e isolamento

A força dessa maresia
avoluma-se, ganha massa
Quando tiver agigantada,
virá incontável:
tsunami prestes
a estourar no mar

A onda gigante
carregará consigo
resquícios de dores, medos,
da insensatez dos dias,
em um espetáculo
de beleza e rastro

Vamos parir uma força,
tsunami vitoriosa
onda gigante que destrói e
reconstrói tudo de outra forma
Vamos de mãos dadas:
parir forças, brotar sonhos, irromper flores

NILZA SOUZA

SEMENTES CONTÊM VIDA!

A TERRA AS ALIMENTA!

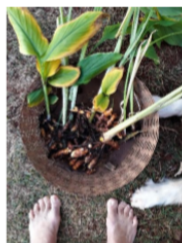
O FOGO TRANSFORMA!



PÉS E MÃOS ESPALHAM SEMENTES... POEIRAS... VIDAS!!!



COLHEM E...TUDO RECOMEÇA!!!



Nilza maio 2020

Homenagem a **Manoel** Nordeste - meu Pai

ISABELA VARANI SOUTO
Quando tudo isso passar

Nessa quarentena estamos com saudades dos amigos e familiares, mas não podemos nos esquecer que tudo isso vai acabar, comemorando com os amigos e tomando chá.

Para nos alegrar, temos uma família e talvez uma cachorrinha, porém, quando tudo isso passar, vamos direto para rua comemorar.

Nesses tempos temos que tomar cuidado, mas mesmo assim eles trouxeram muito agrado, nos aproximaram da família, e agora estamos com uma nova pilha, pronta para sair na rua e gritar aleluia.

Mas não se esqueça de agradecer aos médicos e enfermeiras que fizeram a saúde crescer e esse vírus nos esquecer.

Não quero trafegar por caminhos já percorridos,
gastos de tantos passos....
Quero me embrenhar em bosques selvagens
onde cada amanhecer tem um tom diferente
ouvir passarinhos sem regência....
... com trinados em descompasso.
Não quero unanimidades
Minha ânsia é de busca.
Preciso me alimentar de novas sementes
Recolho-me
enquanto germino
e broto mais verde
em farta seara.



TECA MINUZZO



Escrevo
em memória
de todos
os poemas
que não podem
ser recitados
pois se forem
serão revelados
os segredos
que você nunca
me contou
escrevo
em memória
de todas
as cartas
que nunca serão
enviadas
pois não se pode
enviar cartas
para alguém
que não existe
mais
escrevo

em memória
de tudo
escrito
para os que me
deixaram
sem palavras
em momentos
que não podem ser
publicados
escrevo
em memória
de todos
os amores escondidos
os sussurros da
madrugada
e de tudo
que seu riso
me contou
mas pediu que eu não te
contasse que já sabia
poema em memória a
todos os poemas que
não posso recitar



Sem barreiras!!!

Filha do sol e da estrela,

Escolheu a terra para viver!!!

LUCI CHRISPIM

Veleiro

Veleja a mente quando fito os teus olhos lindos
Sinto na alma uma suave carícia da primavera
Sinto o gosto dos teus lábios roçados numa taça de
vinho encorpado

Pele macia

Mãos que voam

Sinto teu corpo aveludado e perfumado

Nada defino, pasma, fico atônita

Sinto tua boca que roça a minha nuca

Vivo a essência santificada do desejo

De estar viver, um querer platônico

A minha alma canhestra me conduz a viver em

poesia

És brisa olorosa, fustigante açoite sorris.

Sinfonizas de sonho todas as minhas noites

Beberei na fonte desse desejo que me consome, em

febre a noite quando imagino o terremoto do teu

corpo.

NIMA SPIGOLON



Meu choro solo,
Soro de esperança

BRUNA CAMPOS

Quero estar

Quero ser para você
Toda a fonte de prazer
A calma durante as tempestades
E o despertar de mais um amanhecer

Sol da manhã em início de primavera,
quando os pássaros cantam e constroem ninhos.
Brisa da noite num mar sem ondas,
Num mar de estrelas,
Cheiro de água salgada que renova as forças.

Posso ser o fogo que aquece o corpo e a alma
Mas o que desejo mesmo é estar aqui.
Poder estar ao seu lado em cada amanhecer,
Em cada tempestade, primavera, noite de prazer,
Brisa do mar, fogo, anoitecer,
Quero estar.
Quero poder te ver sorrir.

Talvez eu queira mais do que possa,
Quicá possa mais do que queira.
Mas o que eu quero, principalmente,
É que você seja
Feliz.

RENATA SIEIRO FERNANDES



eu não queria
escrever poesia
ler, gostar, declamar
mas não, eu não queria escrever poesia
eu não queria sofrer em estrofe
sentir em palavras
queria chorar lágrimas
não versos.
eu não queria viver em poesia
mas fazer o quê?
Se meus sentimentos só existem depois de escritos
se o amor só é amor se organizado em parágrafos
é assim que a minha cabeça funciona
e infelizmente eu sou obrigada por ela a remoer cada
 decepção sete vezes até achar as palavras certas
 para superar

(o verso que falta)
o sonho do poeta é poder
pelo menos uma vez
ficar sem palavras

MARLI ANCASSUERD

Vovô lia ou contava histórias que adorávamos.
Vovó, Titia e Mamãe faziam crochê...
As crianças brincavam fazendo correntinhas...
No rádio, as novelas da Tupi.
Virei crocheteira!





ALEXANDRINA MONTEIRO

Há devir em mim

A vida é muito triste no isolamento da carne!

O que conforta que nossas almas transbordam nossos limites!

Estou na janela te vendo de longe e, escutando de perto
“The Doors”.

Houve um tempo que o papel de seda nos envolvia na sedução de sua transparência que brincava e brindava com nossa sensibilidade. E era! Há um tempo de escuridão. Em que lagartas foram substituídas por vermes que ocupam seus papéis com estrumes e dor.

Tempo de muitas adversidades. Nesse tempo, ainda em tempo, chega composê envolvido pela seda mais pura e se faz presente.

É um presente. É uma presença.

Um fluxo de energia, de sensibilidade que meu coração apertado, por vezes dilacerado se refugia aos diversos e intensos cinco minutos de voz e alma de um composê que ocupa os muitos cinco minutos que formam as 24 horas - muito curtas para as lágrimas que não consigo conter diante de mais de 1000¹ brasileiras/brasileiros que foram vencidas pelo vírus da irresponsabilidade na forma de (des)governo.

Esses (teus) composês tem nos/me feito re-existir!

¹ Até 26 de Maio de 2020, o Brasil tinha oficialmente 24.512 mortes, 3.882 óbitos em investigação e 391.222 casos confirmados da Covid-19. Registrou no dia 19 de maio 1.179 mortes em 24 h.

ELAINE CASSAN
Sementes



A composição de *Sementes* traz registros fotográficos de um tempo de cultivo de vidas. Iniciei nesse período de quarentena, um projeto antigo que percorria a minha lista

de intenções: fazer uma pequena horta em casa. Muitas hortas já iniciei e levei adiante neste tempo de vida, mas todas foram no contexto profissional, na escola pública, com crianças, famílias e colegas de trabalho. Cuidando e Semeando, plantando e colhendo, degustando e dispersando novas sementes nos corpos, nas almas e nos corações de gerações futuras, para um tempo outro, que sabe... Esse foi o meu desejo sincero.

Iniciar a horta em casa, desde o preparo da terra, a semeadura, o acompanhamento do nascimento das primeiras hastes, (foi) e é algo Supremo, que revigora as células, as ações, o olhar e o próprio estado de Ser. Traz ânimo e re-acende um estado interno de encantamento e de beleza. Esse lugar de contemplação *do vir a ser* da semente e da planta é prenhe de re-ligação.

Religare, *Eu-Tu-Nós*, num sentir-se profundo e inteiro, como num fluxo único de Vida. Transformar Morte em Vida expressos em potência primordial: vid-AMOR-te. Esse foi um dos meus grandes exercícios e desafios de um estado Pam-dêmico que fomos colocados a viver.

A ideia da composição não estava pronta, mas sim, viva e latente, tal como o estado de uma semente.

A semente parece dormir um sono profundo no colo da *Pachamama*.

Silente. Fecundo. Recolhido. Inteiro. Não-Manifestado. Atemporal. Íntegro. Perfeito.

Nesse momento de produção do texto, posso dizer que a composição foi realizada em etapas: a). Fotos da horta e do jardim de casa; b). A escritura de palavras em estados de ação e de processo (verbos) no infinitivo pessoal (Eu-Ele/Ela), sob a forma circular, numa alusão intuitiva, à Unidade do Eu e do Todo. O centro da mandala contém a palavra "Vida".

O ato de escrever foi mobilizado numa das tentativas de dar vida ao PAN-DE-MIM. ~~Eu~~ Um exercício de trazer tudo

aquilo que estava impulsionando o meu Ser nesse estado de isolamento; c) e, por fim, sobreposta à imagem da mandala de palavras evidencia-se um registro fotográfico do reflexo da minha própria sombra, durante uma caminhada, no lusco-fusco de um entardecer. Brincar com a própria sombra foi um momento único, lúdico e de descobertas coloridas pelos olhos, pelas mãos e pelo corpo da criança-semente que co-habita em mim.

Sombras parecem ser estados germinais e potentes de Luz-e-Vida.

ELAINE CASSAN

Da concepção à Vida manifestada -
Reminiscências, Fios de vida, Sementes

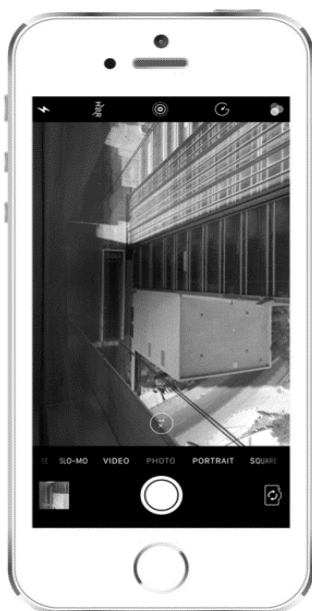
Este texto tem a intenção de fazer uma breve apresentação das imagens que foram produzidas para compor a proposta deste livro Pandemim e expostas nas páginas anteriores.

A Pandemia vivida neste ano de 2020 traz o inédito, o novo, o único, o não-vivido de uma forma tão contundente e que nos confina a esta condição. Mobiliza o reinventar-se, o redescobrir-se, o refazer-se e o recriar-se. Nos vimos tão longe de tudo e de todos, mas muito perto de nós mesmos. Tempo e Espaço ganharam novam tonalidades e significados. Conceber a falta, a saudade, a ausência, o distanciamento como possibilidades de ver o novo acontecer dentro de nós mesmas foi uma escolha que precisei fazer por sobrevivência, por alimentar a esperança, por defesa, por crença! As escolhas podem mover novas ações, e estas, movem um novo ser. Há que se persistir e resistir!

Fragmentos de imagens, de ideias e de vivências trouxeram a possibilidade de olhar as situações da vida e de mim mesma, de frente, de encará-las e lidar com elas, mesmo com a dor batendo às portas do meu coração. Lidar com o medo, com o inesperado, com o instável, com o invisível, com o perigoso, com o tão profetizado, desconhecido.

O que descubro de mim mesma nesse tempo de isolamento e silenciamento e que me faz estar unida a tudo e a todos? *Reminiscências, Sementes e Fios de Vida* são formas de viver e dizer um pouco de mim e de todos.

TECA MINUZZO



DÉBORA MAZZA
Constelações familiares

Ela
Nasce primeiro
Mulher

Ele
Nasce pouco depois
Homem

Ela
Nome bíblico
De um povo do antigo testamento

Ele
Nome importante
Da política internacional ocidental

Pai
Figura respeitada na sociedade
e no poder masculino regional
Mãe
Presença disponível na família
e nas ações femininas comunitárias

Desejos
Paterno e materno

Focados nele
Homem
Portador do sobrenome de família

Ela
Mulher
Será incorporada a uma família

Ele
Falo

Ela
Fala

Ele
Curiosidade e dispersão

Ela
Recalque e sublimação

Ele
Explora se descuidar e ser cuidado

Ela
Aprende a se cuidar e a cuidar

Vida explode
Desafios, imprevisibilidades, frustrações

Ela
Birra, resiste, persiste

Ele
Sucumbe, desiste, perece

Expectativas?

BETH ROSSIN
(e Fernanda Veiga)





Alexandrina Monteiro

nasci e criei-me em Campinas/ SP. Professora, casada com Márcio tenho duas filhas: Marina e Carolina e três cachorras: Leca, Paçoca e Jujuba. E-mail: alemath@unicamp.br

Beth Rossin

58 anos, campineira, socialista, assistente social e professora. Mãe da Fernanda e tenho um cachorro: Darwin. E-mail: bethrossin@gmail.com

Bruna Campos

23 anos, nasci e criei-me em Guarulhos, Região Metropolitana de São Paulo. Moro desde 2017 em Indaiatuba/SP. Pedagoga, artista e Youtuber. E-mail: b.pianista@hotmail.com

Camila Lima Coimbra

nasci dia 08/08 de 1972, (acho essa data maravilhosa!). Fui criada numa casa em Uberlândia (MG) que chamamos de "Terreninho". Pé no chão. Infância para mim, tem cheiro de manga. Sou educadora desde pequena e hoje grande, porque tenho comigo Isadora e Clarice, filhas. E-mail: camilima8@gmail.com

Cris Stolf

62 anos, nasci em Barra Bonita às margens do Tietê. Moro em Holambra, já há um bom tempo. Sou uma observadora e escutadora da natureza a quem gosto de fotografar. Enfermeira,

tenho 04 filhos, 02 gatos e muitas plantas. E-mail: cristinastolf@gmail.com

Débora Mazza

Nasci em 25 de abril, dia da Revolução dos Cravos, em Americana-SP, cidade situada na confluência dos rios Atibaia e Jaguari. Morei em vários municípios e acompanhei o crescimento populacional e o desenvolvimento rural e urbano industrial da RMC. Sou professora, pesquisadora, funcionária pública e mãe de Ana Clara, Carolina e Guilherme: estrelas brilhantes que iluminam o meu percurso. Gosto de ler, escrever, cantar, dançar, comer e beber. E-mail: dmazza@unicamp.br

Elaine Regina Cassan

50 anos, professora, campineira, nasci num domingo de setembro, dia 21, “dia da árvore” e o último dia que encerra o portal do inverno e abre o da primavera no nosso hemisfério. Talvez seja por isso, que os reinos da natureza falam diretamente ao meu coração, como címbalos de delicadeza e esperança: o sol, as águas, as plantas, a terra, os animais, o céu, o ar, as árvores, as flores, os elementais. Amora, uma coelha muito fofa, compartilha comigo, há três anos, esse espaço do Cuidar. E-mail: elainecassan@yahoo.com.br

Isabela Varani Souto

9 anos, artista mirim e circense em fase de aprendizado, que tem uma cachorra extraordinária, chamada Elle, e muitos amigos. Mora em Campinas/SP no lar das alegrias, com Enzo meu irmão, Adriana minha mãe e Carlos o meu pai. E-mail: drivarani@gmail.com

Luci Chispim Pinho Micaela

mulher negra nasci em Campinas/São Paulo, no mês de dezembro durante o período da ditadura, segurada pelas mãos da parteira e passada no fogo. Mãe de Syssi, princesa negra. Economista, Professora com licenciatura em História que ama orquídeas e carrega na memória muitas histórias de resistência. E-mail: lucicpmicaela@gmail.com

Luciane Muniz Ribeiro Barbosa

39 anos, nascida em São Paulo, capital. Moro em Santana de Parnaíba - SP. Com Cezar me fiz mãe do Heitor e do Matheus. Já fui professora das crianças pequenas e hoje sou professora na

Unicamp, mantendo olhos, pensamentos e coração em defesa da infância. E-mail: lumuniz@unicamp.br

Lizeth Acquist

65 anos, nasci e criei-me na cidade de São Paulo. Tenho dois lindos filhos: Mariane e Guilherme e dois lindos cachorros: Chico e Malu. Sou historiadora (parece que para o atual Governo não é profissão... rsrs...?) E sou vinculada a atividades e projetos em direitos humanos que possibilitam o vislumbre de um outro mundo possível, sonho eterno. Me aventurando nos bordados pois os considero uma significativa forma de expressão da cultura popular, paixão que é puro encantamento. E-mail: lizethacq@gmail.com

Luciete Valente

60 anos, natural de Ubaporanga/MG e residente em Teófilo Otoni/MG. Amante das letras e paladina da justiça, escolhi o Direito como primeira formação. A segunda veio pelo amor às artes plásticas. Graduada em Design de Interiores e Paisagismo. Comerciante de Decoração de Interiores. E-mail: luciete@hotmail.com

Marli Ancassuerd

74 anos, nasci e vivi a infância em Aguaí/SP. Formada nas lutas no ABC Paulista, hoje professora aposentada, mas não inativa, engajada sobretudo na pesquisa com a EJA. Artista das telas e aquarelas, das letras e dos desenhos, dos bordados e das linhas, dos fios de variados trabalhos manuais. E-mail: carusomar09@gmail.com

Nilza A. Souza

difícil fazer minibiografia quando já se viveu tanto... mas aí vai: paulistana de nascimento, há 68 anos. Em Campinas desde 1986. Arte educadora de formação, apaixonada por todas as formas de expressão humana. Escolhi a percussão como a minha fala nas ruas. Respeito por todas as manifestações da natureza. Minhas companhias diárias: Zen, Cora, Pingo, Nina, Lila, flores, ervas...e Lolita (in memoriam). E-mail: solza@uol.com.br

Nima Spigolon

48 anos, renasceu em Goiás e seguiu para Ituiutaba, no Triângulo Mineiro. Desde 2006 em Campinas/SP. Leonina com ascendente em aquário, mais ar e água que ~~terra~~, mediada pelo fogo. Cuida de

plantas e por elas é cuidada. Tem dois cachorros: Rosa e Neruda, e teve o inesquecível Shrek. Alma sensível que se agita num corpo que luta pela Educação Pública e dignidade humana. Mente e coração de professora cuja utopia é a educação de desejar a vida, a emancipação, a amorosidade. E-mail: rosaninarubra@gmail.com

Renata Sieiro Fernandes

sol em leão, lua em gêmeos e ascendente em sagitário, aprendiz de atabaque e castanholas, professora e caixeira do divino por opção, escritora de microcontos, fotógrafa amadora e colagista, por descoberta da vida, mística por destino. Moro em Campinas-SP desde 1990, mas meu umbigo está enterrado no pé de um botão de rosa, em São Paulo/SP, desde 1970. Recebo cartas, convites e mensagens virtuais no e-mail: rsieirof@hotmail.com

Simone Pinto da Silva

49 anos, nasci na cidade de São Paulo, vivo em Campinas/SP desde os 20 anos. Professora, pedagoga, socialista, militante da Educação, aprendiz de dança e de costura, escritora, bordadeira e caixeira, mãe de dois filhos e uma filha, cuidadora de gatos e plantas. E-mail: simonepsilva23@gmail.com

Sofia Valente Rosa

15 anos, nasci no Triângulo Mineiro. Apaixonada em arte e de todos os tipos e formas, sonho viajar o mundo junto a minha companheira e mãe, Lúcia, a maior incentivadora de minha escrita. E-mail: sofiavalenteros@gmail.com

Virgínia de Sá e Palis

67 anos, nasci e cresci em Ituiutaba no Triângulo Mineiro. Depois de muitas mudanças e andanças, moro desde 2006 em Teresina/PI. Professora do Brasil de dentro, tenho três filhos: Melissa, Mário Henrique e Gustavo e seis netos. E-mail: virpalis@yahoo.com.br

Teca Minuzzo

63 anos, nascida em sampa, bairro Tatuapé; Moro dentro de uma florestinha... Adooooooo fogueiras, luas e café da manhã escutando poesias e interagindo com bichos e plantas. Pedagoga e psicodramatista. Núcleo familiar: eu, cadelas: Flora e Nina. E-mail: bridate@yahoo.com.br

LIZETH ACQUIST



PANDEMIM:
tudo e todas em nós

Org.:
Nima Spigolon

Fontes utilizadas:
| American Typewriter | Athelas | Bradley Hand |
| Minion | Palatino Linotype | Trebuchet MS |

Foto da Orelha
Arquivo pessoal
Nima Spigolon

Capa
Cartão Supremo 250g,
4x0 cores

Papel
Off Set 75g,
4x4 cores

Formato
11 x 18cm

Número de páginas
72



Pandemim foi impresso em novembro de 2020 para
as Edições Dionysius, um selo da
Editora Pangeia:
www.editorapangeia.com.br/shop